



Modalidade do trabalho: Relato de experiência

Evento: XVII Jornada de Pesquisa

MOVIMENTO HIP HOP NO VALE DO RIO DOS SINOS: INSTITUCIONALIZAÇÃO DE MOVIMENTOS SOCIAIS E A IDENTIDADE DOS SUJEITOS¹

Rodrigo Miguel de Souza².

¹ Trabalho de conclusão do curso de Sociologia (bacharelado) da Unijui apresentado em 2010.

² Graduado em Sociologia (bacharelado e licenciatura) pela Unijui, mestrando em Educação nas Ciências pela Unijui.

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo compreender as relações entre identidades, movimentos sociais e a institucionalização destes através de um estudo de caso focado na Associação de Hip Hop do Vale do Rio dos Sinos. Durante o trabalho são levantadas questões ligadas à identidade juvenil e étnica dos adeptos do Hip Hop, a forma como sua condição cultural e econômica adversa em relação à grupos étnicos hegemônicos desenvolve uma gramática que leva ao engajamento em uma luta social e à formação do movimento. A compreensão da organização do movimento Hip Hop no Vale do Rio dos Sinos e sua relação com as instituições político-partidárias locais pode ajudar no entendimento da formação da nova esfera pública brasileira, as trocas entre os novos atores sociais apresentados e o impacto destas na identidade e pertencimento dos sujeitos envolvidos.

Palavras-Chave: Hip Hop, identidade, novos movimentos sociais; etnicidade; sociologia urbana.

Introdução

O presente trabalho trata da transição de membros da Associação de Hip Hop do Vale do Sinos para a Coordenadoria Municipal de Promoção da Igualdade Racial na cidade de Novo Hamburgo. Ao estudar tal transição buscamos compreender os reflexos da mesma na associação e no engajamento dos sujeitos envolvidos, bem como o caráter identitário deste engajamento.

A especificidade do hip hop é ligada às culturas diaspóricas de resistência, identificando-se tanto com questões características da diáspora negra quanto com as conseqüências do modelo de urbanização desorganizada desenvolvido no Brasil durante o século XX, culminando com a preponderância dos movimentos sociais urbanos no país no fim deste século.

De acordo com Gohn (2005, p.13):

(...) vários analistas localizavam a questão social básica, no Brasil, no campo. Na realidade, a conjuntura de desemprego e insegurança pública nas cidades criou, aos poucos, os fatores para condensar, nas cidades, o lócus principal da questão social.





Modalidade do trabalho: Relato de experiência

Evento: XVII Jornada de Pesquisa

No final da década de noventa, seguindo a tendência de outros movimentos sociais, o hip hop brasileiro busca sua própria institucionalização, fundando ONGs, que passam a ser a representação do próprio movimento.

Em Novo Hamburgo ocorre a criação da Associação de Hip Hop do Vale do Sinos (AHVS), no ano de 2005. A associação surge como resultado da articulação entre ativistas do hip hop, mas também de partidos políticos, demonstrando uma intrincada relação de trocas sociais, de experiências administrativas, mas também de visões de mundo representadas por diferentes extratos da sociedade.

As relações entre o Partido dos Trabalhadores e a AHVS oficializam-se com a chegada deste partido ao poder em 2008, quando um dos membros fundadores da associação ingressa na Coordenadoria Municipal de Promoção de Igualdade Racial, em um processo de legitimação mútua entre movimento e partido político. Este contato entre as instituições do poder público e da sociedade civil atingem diretamente os sujeitos envolvidos, interferindo em suas noções de pertencimento e lealdade, devido à interferência dada entre as diferentes concepções de problemas, soluções e ações sociais desenvolvidas entre partidos políticos e movimentos sociais.

Considerando que a relação entre hip hop e identidade étnica já foi estudada por diversas vezes, procuramos aqui dar um passo além, compreendendo a relação identitária como imprescindível na formação do próprio movimento, mas buscando também compreender as formas como este movimento relaciona-se com esferas da vida pública para além de suas fronteiras, em especial partidos políticos.

O presente trabalho tem como objetivo principal compreender as conseqüências do relacionamento entre movimento social e partidos políticos com a identidade formadora dos membros do movimento.

Metodologia

Devido às características subjetivas dos objetivos deste trabalho, foram utilizados métodos qualitativos de pesquisa, buscando captar aspectos de identidade, pertencimento e sentido das ações sociais que uma pesquisa quantitativa poderia mascarar, ou seja, as especificidades da relação entre a AHVS, seus sujeitos e a institucionalização do movimento hip hop. Eventualmente números ou dados quantitativos foram utilizados como instrumentos auxiliares capazes de situar a realidade estudada face ao contexto maior em que está inserida.

De acordo com Goldenberg (2003, p.18) o método qualitativo aplica-se à:

Situações em que se evidencia a importância de uma abordagem qualitativa para efeito de compreender aspectos psicológicos cujos dados não podem ser coletados de modo completo por outros métodos devido à complexidade que encerra.



Modalidade do trabalho: Relato de experiência

Evento: XVII Jornada de Pesquisa

Ligado ao método qualitativo foi utilizada a técnica de entrevista semi-estruturada, aplicada à sujeitos escolhidos devido à seu histórico com a AHVS. As entrevistas tiveram como elementos norteadores as questões de movimentos sociais, formação da AHVS, relação da mesma com a institucionalidade e relações étnicas e identitárias.

Além das entrevistas foi realizada uma pesquisa documental incluindo o livro de atas da AHVS, esboços de projetos e o estatuto da instituição quanto à Coordenadoria Municipal de Promoção de Igualdade Racial foram pesquisados o relatório de realizações dos primeiros seis meses e o plano plurianual do órgão.

Tivemos em mente durante a elaboração e desenvolvimento da pesquisa que o objeto construído é uma aproximação da realidade feita sob a ótica do pesquisador, tendo em vista as dimensões técnicas, ideológicas e éticas que envolvem a pesquisa. Para que tal aproximação seja a maior possível foi realizada uma extensa revisão bibliográfica sobre os temas envolvidos, assim como a pesquisa de um referencial teórico capaz de fornecer um embasamento sobre o contexto sócio-histórico que envolve a pesquisa, de modo a situar os sujeitos, as instituições e as relações desenvolvidas.

Resultados e discussão

O Hip Hop nasceu em Nova Iorque, na década de 70, chegando ao Brasil no início dos anos 80 como movimento cultural assumindo contornos de movimento social, em grande parte devido à influência do Movimento Negro e do próprio contexto de pobreza e constante crise econômica, tornando-se instrumento de protesto e reivindicação de melhorias para as periferias das grandes cidades.

O início do associativismo institucional e ativista entre os membros do Hip Hop brasileiro se dá através da formação das “Posses”, grupos locais que reúnem adeptos do Hip Hop visando potencializar a realização de ações nos bairros periféricos. Juntamente com outras ONGs e movimentos, as Posses lutam pela garantia dos direitos civis e políticos, mas também pelo avanço na conquista dos direitos sociais durante a redemocratização. Estes novos atores da sociedade civil formam um quadro social que faz com que Steil (2001, p. 11) afirme que “o conflito fundante do social, que nas teorias macroeconômicas se situava na relação entre capital e trabalho, desloque-se, em grande parte, para a relação entre sociedade civil e Estado”.

Durante a pesquisa constatamos que ao contrário do que ocorre em outros estados brasileiros, no Rio Grande do Sul as organizações de Hip Hop não utilizam o termo Posses, optando por assumir a forma de associações, ONGs, OSCIP's e outras formas assumidas pelas organizações da sociedade civil em geral.

A despeito destas poucas instituições organizadas, o Hip Hop gaúcho adquiriu notoriedade frente ao resto do país pelo caráter politizado de seus membros. Esta politização foi acelerada pelo contato com a institucionalidade, principalmente durante os consecutivos mandatos do Partido dos Trabalhadores à



Modalidade do trabalho: Relato de experiência

Evento: XVII Jornada de Pesquisa

frente da prefeitura porto alegre. Conforme ressaltado ao longo do desenvolvimento da pesquisa, os vínculos partidários trazem para dentro do movimento tensões vindas do universo partidário, fazendo com que na relação com os partidos políticos não haja somente uma troca de experiências, mas também de lealdade, implicando em posicionamento nas disputas entre partidos, e algumas vezes das tendências internas a estes.

Durante o desenvolvimento do trabalho nos aproximamos da compreensão do Hip Hop como um dos Novos Movimentos Sociais surgidos a partir da década de 70. Estes movimentos demonstram estar voltados à necessidades sociais esquecidas tanto pelo capitalismo quanto pelo socialismo, ou seja, às dimensões humanas negligenciadas pelos grandes projetos orientadores dos movimentos sociais clássicos, apesar de a nova condição não representar um rompimento total com estes movimentos clássicos (SANTOS, 1999).

Os Novos Movimentos Sociais são ligados à condições subjetivas da realidade social, que estende-se para além da esfera econômica, ressaltando assim os aspectos morais e culturais da vida social, porém sem perder de vista os aspectos materiais. De acordo com Gohn (2005, p. 124), nestes movimentos, “a identidade é parte constitutiva da formação dos movimentos, eles crescem em função da defesa dessa identidade”.

No caso do Hip Hop esta identidade é formada e manifestada como uma identidade de resistência que se contrapõe à desigualdades morais e econômicas ao mesmo tempo em que reforça a ideia de uma autoidentidade calcada na negritude e na territorialidade periférica. Aqui, está em jogo o próprio significado de ser negro, jovem e morador das periferias urbanas. Pertencer à esta camada da população passa a ter um significado positivo para estes jovens ao ingressar no Hip Hop, engajar-se na causa do movimento gera a sensação de encaixe social e de sentido da própria existência, isto aparece explicitamente nas letras de rap que fazem a analogia entre a situação de exclusão e a guerra, onde os atores sociais engajados autoidentificam-se como “guerreiros”. Porém sendo que nas letras dos raps cantados pelos ativistas do movimento o poder instituído é visto como um dos principais responsáveis pela situação de miséria e exclusão, aliar-se com partidos políticos, mesmo que de esquerda, é um processo contraditório e que implica que o próprio movimento repense seus valores e estratégias.

Estas contradições foram muito bem expressas nas entrevistas realizadas durante a pesquisa, onde ficam explícitos os diferentes posicionamentos dos membros da AHVS quanto à aproximação com os partidos. Eduardo T., integrante a favor da relação partidarização do movimento relata que “a gente não pode ser ingênuo e achar que mesmo que tu tá num movimento social tu não tem uma ligação política. Tem uma ligação política né”. Já Eduardo H. integrante contra a partidarização, mas a favor da relação com o partido afirma que:

Como movimento social eu acredito que tem que ser apartidário, né? Então se tu vai levantar a bandeira de hip hop tu tem que ser apartidário, tem que ser neutro, indiferente de gestão que tiver, tem





Modalidade do trabalho: Relato de experiência

Evento: XVII Jornada de Pesquisa

que ter diálogo, tem que cobrar, enfim, se eu for levantar a bandeira de hip hop tem que ser neutro na questão partidária, tem que ser politizado, mas apartidário.

Após o Partido dos Trabalhadores assumir a prefeitura de Novo Hamburgo, o próprio Eduardo T. acaba ingressando no governo, assumindo a Coordenadoria de Promoção da Igualdade Racial, o que aumenta a cisão interna no movimento que leva à dissolução da AHVS. Após o ingresso na Coordenadoria há uma mudança de foco das ações sociais desenvolvidas, passando daquelas ligadas ao Hip Hop e a juventude excluída para ações voltadas à população afro-descendente, o que não exclui o movimento, mas o trata de forma diferenciada. Ao verificar os planos da coordenadoria também foi verificado nas ações voltadas ao Hip Hop a tendência a pensá-lo com um olhar externo, colocando o mesmo como caminho para outras mudanças sociais, e não como um fim em si, como anteriormente operava a AHVS. Nesta nova lógica a questão da identidade hip hopper estaria contemplada, apesar de não ocupar mais o lugar central das discussões, sendo inserida como parte em um contexto maior de identidade afrodescendente.

Na pesquisa também foram constatados diversos processos de transição identitária (Hall, 2006): Eduardo T., parte do apartidarismo à filiação ao PT e ingresso no governo municipal; Eduardo H., filho de uruguaios que ao autoidentificar-se como “não-branco” ingressa no Hip Hop como forma de repudiar à etnia germânica hegemônica na cidade; Édén G. deixa o movimento estudantil e a universidade ao tomar contato com o Hip Hop, aderindo ao Grafitti como estilo de vida e fonte de renda. Estas transições demonstram que identidade não é uma realização estática, mas um processo permanente, dinâmico e psicossocial, onde o sujeito julga a si mesmo, utilizando como referencial a forma como os outros o julgam, mas é também relativa à percepção que tem dos outros.

Conclusões

A dissolução da AHVS demonstra que as relações entre movimentos sociais e partidos políticos implica em uma assimetria de poder que neste caso inviabilizou a existência da associação.

A despeito de ser assimétrica, a relação ainda apresenta-se como uma relação baseada na troca, o que possibilita ao movimento o acesso a novas instâncias de poder, ampliando as possibilidades de visibilidade das ações do movimento.

A relação movimento/ partidos, ocorre também devido à carências financeiras, a convivência neste meio leva ao deslocamento do pertencimento dos sujeitos, que passam a incluir referenciais político-partidários em sua matriz identitária.

A pesquisa reforça a necessidade das ciências sociais como forças auxiliares dos movimentos sociais no processo de diálogo com a institucionalidade e com os demais atores da esfera pública.





Modalidade do trabalho: Relato de experiência

Evento: XVII Jornada de Pesquisa

Referências Bibliográficas

GOHN, Maria Da Glória. O protagonismo da sociedade civil – Movimentos sociais, ONGs e redes solidárias. São Paulo: Cortez, 2005.

GOLDENBERG, Mirian. A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record, 2003.

HALL, Stuart. Da Diáspora: Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Pela mão de Alice: O social e o político na pós-modernidade. Porto, Afrontamento, 7ª ed. 1999.

STEIL, Carlos Alberto. Estado, Movimentos Sociais e ONGs: a Guerra-fria e a globalização como cenários de compreensão da realidade social. In: Humanas: Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Vol. 24, jan.-jul. 2001. Porto Alegre: IFCH. p. 9-16.